

12/7/1986

### **Pazzianotto culpa os que pregam a violência e combatem a democracia**

SÃO PAULO — "A propagação de propostas que pregam a violência, que vão contra a ordem jurídica e o Governo democrático, levam a episódios como o assalto a banco em Salvador, a invasão da General Motors em São José dos Campos (quando um grupo de sindicalistas manteve funcionários como reféns sob violência, no início do ano passado) e acaba dando nisso que agora ocorreu em Leme" — afirmou o Ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, em seu Gabinete de São Paulo, logo após, como mediador, ter conseguido: do nova proposta dos usineiros aos sindicatos dos canavieiros grevistas da região de Araras (Leme é município vizinho a Araras).

— As pessoas que pregam esses métodos violentos correm o grande risco de se tornarem responsáveis por fatos desse tipo. Em Guariba, há dois anos, em Sertãozinho, ano passado, por coincidência, tivemos problemas desse tipo. E os cidadãos que estavam lá são os que estão hoje em Leme — continuou Pazzianotto, acrescentando que o Governo Federal não teria nenhuma ingerência quanto ao aspecto policial do caso, só nas relações trabalhistas, pois ao Estado é que compete manter a ordem.

Embora fossem bem claras suas referências ao PT e à CUT, em nenhum momento o Ministro citou, especificamente o partido ou a entidade de trabalhadores. Apenas disse que sábado passado esteve na região de Leme tentando um acordo entre as partes e sentiu que havia muita tensão. E que a imprensa "está citando a todo momento que lá estão pessoas estranhas ao movimento, como alguns parlamentares e também pessoas sem mandato parlamentar". Sempre falando de modo velado, Pazzianotto encerrou dando a entender que pode até mesmo intervir nos sindicatos envolvidos, o que seria inédito em sua gestão, pois desde os Governos militares não há intervenção sindical:

— Espero que o mundo sindical cumpra seu mandato integralmente.

- O Cardeal-Arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, informado em Brasília sobre o incidente em Leme, pediu ao Ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, sua interferência para assegurar a calma na região. Dom Paulo condenou "a precipitação que sempre é motivo de violência" e disse ser necessária "compreensão com o movimento dos operários, que tem, uma longa história de sofrimentos".

**(Página 5)**